

ARTIGO

“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”: trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no seio da comunidade da região carbonífera gaúcha nos anos 1940*

Lucas Specht**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v14i1p365-400

resumo

O artigo objetiva investigar a trajetória de Maria Siani Festa, uma destacada enfermeira-parteira filiada ao Partido Comunista do Brasil, que durante a greve de 1946, na região carbonífera gaúcha, auxiliou na articulação e mobilização da parede. Por meio de periódicos comunistas, documentações da empresa mineradora e processos judiciais reconstituíram-se os passos desta personagem, ancorados em um repertório teórico-metodológico dos estudos de gênero, da biografia histórica e da micro-história. Portanto, a microanálise da trajetória de Maria Siani Festa possibilitou o tensionamento das relações de gênero nos momentos de enfrentamentos de classe que ocorreram na localidade, reverberando em novas interpretações acerca dos alcances da militância política feminina nas comunidades mineiras de carvão gaúchas.

PALAVRAS-CHAVES: Biografia; gênero; greve; mineração de carvão; Partido Comunista do Brasil

* Agradeço a professora Clarice Gontarski Speranza, orientadora e coordenadora do LHISTRA-UFRGS, pelo espaço de trocas e diálogos sobre a pesquisa que originou este artigo. Agradeço, também, através do nome de Liana Severo Ribeiro, a toda equipe do Museu Estadual do Carvão. Espaço que salvaguarda o maior acervo sobre o trabalho da mineração de carvão da América Latina e severamente afetado pelas enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, em estágio de recuperação. Sem este acervo a minha pesquisa não teria qualquer viabilidade.

** Graduando em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista de Iniciação Científica (PROPESQ/UFRGS). Integrante do LHISTRA - Laboratório de História Social do Trabalho. Contato: lucas.specht214@gmail.com

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

Introdução

“O seu nome já era como que uma festa para os oprimidos. O seu sorriso acolhedor e fraternal, a sua bondade e a sua dedicação iluminavam a triste e encarvoada existência dos mineiros” (TRIBUNA POPULAR, 25/05/1946, p. 15). Lendo essa sentença, imaginamos uma pessoa querida e estimada, alguém que teve uma atuação de cuidado, marcando a vida de muitas pessoas. Em contraste, quando lemos a expressão: “um dos elementos mais perigosos de Butiá”,¹ em referência a vila mineradora de carvão no Rio Grande do Sul, imaginamos uma pessoa que é ameaça a norma vigente. No entanto, trata-se da mesma pessoa.

Estamos diante de dois discursos diferentes, produzidos praticamente no mesmo contexto, que transparecem duas faces de uma mesma trajetória. É a partir dos meandros desses discursos acerca da trajetória de Maria Siani Festa, enfermeira-parteira comunista, que o presente texto vai analisar os embates políticos e de gênero numa comunidade operária das minas de carvão do Rio Grande do Sul nos anos 1940.

O carvão mineral foi o principal recurso para a produção de energia elétrica durante boa parte do século XX. No Brasil, desde o fim dos oitocentos, o Sul do país se destacou como uma região rica neste “ouro

¹ Elementos estranhos à Companhia Carbonífera das Minas de Butiá que se destacaram nas greves de 3/1/46 e 30/1/46 nas minas de Butiá, 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

negro”, principalmente na chamada Região Carbonífera do Baixo Jacuí,² distanciando-se cerca de 60 quilômetros da capital administrativa do estado, Porto Alegre. Economicamente, a mineração de carvão se mostrou um negócio altamente lucrativo e relevante para o desenvolvimento do país. O carvão retirado do subsolo pelos trabalhadores era utilizado para a produção da energia elétrica em termelétricas³ e para a movimentação ferroviária.

Apesar de apresentar vultuosos lucros em diversos momentos, indiscutivelmente o período áureo da indústria carbonífera foi na década de 1940, em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Segundo Freitas (2021), o contexto bélico possibilitou a formação de uma lógica de “esforço de guerra” que aumentou a demanda interna e alavancou os negócios e os lucros com base na “superexploração da força de trabalho” (p. 28). Desta forma, o auge da produção foi no ano de 1943 quando foram produzidas 1,34 toneladas nas minas gaúchas, sendo o total nacional de 2,07 toneladas naquele ano (SPERANZA, 2014, p. 51). Nesse momento, as minas da região eram administradas pelo Cadem, o Consórcio Administrador da Mineração de Carvão.

O Cadem foi criado a partir da fusão de duas outras empresas que administravam a região, a Companhia Estrada de Ferro Minas de São

² Esta região era formada pelas Minas de Ratos, Butiá, Leão, Charqueadas, Porto do Conde e São Jerônimo.

³ A primeira usina termelétrica do Brasil foi a usina de Arroio dos Ratos, fundada em 1924. Hoje, as ruínas desta usina formam o Museu Estadual do Carvão, local fundamental na preservação da história da mineração de carvão. A presente pesquisa só é possível em face das fontes encontradas no acervo documental desta instituição.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

Jerônimo (CEFMSJ) e da Companhia Carbonífera Rio-Grandense (CCR), em 1936. Com sede no Rio de Janeiro, o consórcio foi presidido por Roberto Cardoso, do ano da sua fundação até 1951, atravessando o período de maior lucratividade da empresa. Neste período, promoveu investimentos nas vilas mineiras como a construção de hospitais, maternidades, cinemas e clubes, o que lhe garantiu, pela historiografia local, um posto de um benfeitor benevolente (MANDELLI, 2023, p. 86).

Neste período, pelo menos 7 mil operários viviam com suas famílias nas vilas operárias de Arroio dos Ratos e Butiá (SPERANZA, 2014, p. 19), então pertencentes ao município de São Jerônimo. Estes eram locais nos quais se via fervilhar entre as ruas e casas as demandas por melhores condições de vida e trabalho, considerando a insalubridade conhecida do ofício mineiro. Como aponta Maria Festa, em entrevista a um periódico operário, a mineração era “péssima”. “Porque o mineiro trabalha durante longas 6 horas no subsolo, mal remunerado.” (VOZ DO POVO, 16/12/1946, p. 2).

Historicamente, a comunidade das minas de carvão se mobilizou e combateu essas inúmeras dificuldades, algo que fica evidente quando observamos esta conjuntura, quando duas grandes greves foram deflagradas entre os anos de 1945 e 1946. Ambas as paralisações foram alvos de intervenção militar (MANDELLI, 2023, p. 106). Entretanto, se em 1945 a intervenção resultou na desmobilização dos trabalhadores, em 1946 eles se mantiveram mobilizados (KONRAD, 2006, p. 137). Esta greve, que durou 36 dias, atingiu todas as minas de carvão e foi caracterizada por

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

confrontos violentos. Por isso, entrou para história como a maior e mais duradoura da região, reverberando em consequências econômicas e em represálias aos mineiros grevistas. Porém, não somente a eles.

Ao contrário de outras regiões mineiras de carvão no Brasil, como em Santa Catarina, o trabalho da mineração no Rio Grande do Sul foi exclusivamente masculino (MANDELLI, 2023, p. 71). A imensa maioria das mulheres na comunidade mineira, por sua vez, eram dedicadas exclusivamente ao trabalho reprodutivo. Ou seja, ao trabalho doméstico. Uma minoria atuava como freiras, professoras, e claro, enfermeiras. Essas mulheres compartilhavam o mesmo espaço com os milhares de operários e percebiam cotidianamente muitos dos problemas que afligiam a vida de quem ali vivia e trabalhava nas vilas-fábricas.

No entanto, como uma mulher enfermeira pôde ocupar espaço tão relevante nos movimentos grevistas dos mineiros a ponto de ser considerada “o elemento mais perigoso”? Responder esta questão, em parte, também é objetivo deste texto.

Porém, ao fim e ao cabo, o presente artigo objetiva, a partir da história de Maria Festa, tensionar as relações de gênero nos movimentos de enfrentamento de classe, como as greves que eclodiram na região carbonífera gaúcha. A intenção é inserir os protagonismos femininos num contexto operário da mineração, e com isso, alargar as noções do alcance da militância política feminina nesses espaços altamente masculinizados. Neste sentido, analisarei a trajetória de Maria Festa para compreender a

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

agência das mulheres nas ações de contestação e discutir o contexto político e social das minas de carvão nos conturbados anos 1940 por meio das relações de gênero.

Para tanto, será mobilizado um repertório teórico-metodológico amplo que visa dar suporte a essas complexas relações de dominação e resistência. As relações de trabalho foram imbricadas por enfrentamentos de gênero, construídos socialmente a partir de uma relação hierárquica. Assim sendo, para embrenhar-se nas imbricações de gênero, necessita-se “examinar as formas pelas quais as identidades generificadas são substantivamente construídas” (SCOTT, 1995, p. 88) e com isso “relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente específicas” (SCOTT, 1995, p. 88).

Visando, portanto, apreender essas identidades generificadas, ou seja, compreender os espaços erigidos socialmente delimitados para homens e mulheres, que o fazer historiográfico redireciona suas ferramentas para a construção de uma história das mulheres. Nesse sentido, não se está buscando isolar mulheres e homens em ilhas, mas sim “escrever uma história analítica das mulheres e para vincular seus problemas àqueles das outras histórias” (TILLY, 1994, p. 29). Objetivamos neste texto trazer ao centro as mulheres trabalhadoras. Diversos trabalhos já discutiram acerca da inserção feminina no mundo do trabalho e isso pressupõe a entrada delas nos contextos de enfrentamentos de classe. Fraccaro (2018), por exemplo, contribui com este objetivo ao defender que “a experiência das trabalhadoras pode alterar a narrativa central sobre a

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

História do Feminismo” (p. 9). Nesta toada, concordamos com Caroline Matoso (2024) que argumenta que a “ampliação do conceito de trabalho” (p. 21) é fruto do desenvolvimento de Histórias das mulheres e das problemáticas de gênero.

Assim sendo, dialogamos com um campo já consolidado da historiografia social do trabalho com enfoque na agência feminina. Partindo destes pressupostos, outros trabalhos que têm pensado a ação de mulheres trabalhadoras articuladas ao PCB podem contribuir para o debate que aqui quero realizar. Em um primeiro momento, a pesquisa de Iracélli da Cruz Alves que disserta acerca da presença de mulheres no PCB no contexto do Estado Novo. Alves (2018) identificou que para essas mulheres militantes “o mais urgente seria resolver as contradições de classe, para assim poder se dissolver as demais contradições sociais”, porém, não deixaram de apresentar reivindicações próprias das mulheres trabalhadoras quando “comparadas com os homens da mesma classe” (p. 450). Apesar de neste artigo abordarmos um grupo feminino com uma posição de classe distinta do mundo do trabalho masculino nas minas de carvão, perceberemos algumas solidariedades entre estes grupos, mas mantendo a dimensão da agência específica destas mulheres trabalhadoras na vila operária.

Guilherme Nunes (2023) também pesquisou a atuação de mulheres ligadas ao PCB, em especial, três: Elisa Kauffmann Abramovich, Julieta Battistioli e Júlia Santiago da Conceição. Ao biografá-las, Nunes (2023) tinha em mente que o estudo das “vidas dessas mulheres, ao mesmo

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

tempo, em que nos indicam possibilidades e limites pessoais de atuação, apontam sempre para questões como a democracia brasileira, a repressão, os debates entre espaço público e privado, etc” (p. 23). Nesta premissa, como constatado pela historiadora norte-americana Joan Scott (1994), acredito que a melhor forma encontrada para escrever a história de Maria Festa e das mulheres da comunidade carbonífera do Rio Grande do Sul sejam “as biografias” (p. 88), para entender as dinâmicas locais perpassadas pela vida de Festa, mas também inúmeras outras questões que afloram das relações sociais naquele contexto histórico.

Este movimento biográfico é guiado por uma pergunta central: “é possível narrar uma vida “toda”, ou o que se conta é sempre uma seleção, mais ou menos arbitrária, de certos acontecimentos de uma existência?” (SCHMIDT, 2017, p. 45). Não se está querendo escrever uma biografia com início, meio e fim, atribuindo uma suposta coerência na trajetória, que caia na armadilha da “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1996). Temos como concepção que “biografar é evidenciar o “fazer-se” do personagem focado ao longo do tempo” (SCHMIDT, 2012, p. 199). Isto é, por meio da biografia de Maria Festa se pode reconstituir o seu fazer-se sujeito enquanto uma enfermeira-parteira militante comunista no seio de uma comunidade pautada pelo trabalho altamente insalubre e masculinizado e por condições de vida degradantes. Nosso esforço é calcado em suas “diferentes injunções e ritmos, bem como a incertezas, discontinuidades, oscilações e incoerências” (SCHMIDT, 2012, p. 199) que estruturam diferentes possibilidades de análises em uma conjuntura conturbada.

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

Vale ressaltar um importante debate do campo da biografia histórica desenvolvido por Sabina Loriga e Giovanni Levi. Cada autor, à sua maneira, reflete sobre o porquê da escolha do biografado. Enquanto Loriga (1998) concebe uma biografia coral, em que o singular é “um elemento de tensão”, pois, “o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade” – “ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado” (p. 249), Giovanni Levi (2006) define a biografia modal. Conforme essa noção, “a biografia não é, nesse caso, de uma pessoa singular e sim de um indivíduo que concentra as características de um grupo” (p. 175). Este debate nos é importante porque o caso de Maria Festa, entre essas duas concepções de biografias, está em uma posição central. Ao mesmo tempo que, enquanto biografada, Festa congrega um grupo específico, o das mulheres comunistas, ela é um elemento de tensão, distinguindo-se do grupo em si por sua atuação profissional, suas experiências anteriores, sua posição de classe e pela presença sistemática de seu nome em fontes de vigilância da empresa mineradora.

Por fim, existe mais um ponto a ser levantado. Estamos trabalhando com uma personagem pouco citada, aparecendo brevemente em poucos trabalhos (FREITAS, 2021; WILLIANS, 2019), mas que não teve, até o momento, sua história colocada como centro da investigação. Estamos falando, também, de um enredo complexo de enfrentamentos sedimentado em relações de conflitos e solidariedades generificadas, revelados em uma situação-limite, como na greve de 1946. Assim, “a complexidade das operações de análise requeridas por esse tipo de

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

abordagem impõe de fato um encolhimento do campo de observações” (REVEL, 1998, p.25).

Sendo assim, o artigo analisa a trajetória da enfermeira por meio da reconstituição das fontes documentais e da ligação umbilical com as relações sociopolíticas da comunidade, discutindo as duas faces que estão imbricadas: a da profissional da saúde e a de militante comunista, a partir de um enfoque de gênero.

As fontes utilizadas para esta pesquisa são de diversas tipologias documentais, como periódicos ligados ao PCB, documentos de vigilância produzidos pela empresa mineradora, cartas produzidas por grupos femininos, e, por fim, documentos judiciais. Assim sendo, o artigo está organizado em duas partes. Em um primeiro momento, busca-se iluminar a trajetória de Maria Siani Festa, em especial as suas denúncias das difíceis condições de vida naquela região, sua experiência profissional e a sua presença nas articulações do PCB. Nesse sentido, busco alargar os debates sobre quais seriam os espaços das mulheres em um espaço masculinizado. Em um segundo momento, destaco as agências das mulheres comunistas de Butiá por meio de dois escritos produzidos por elas, mas que contém indícios da forte liderança de Festa em meio a este grupo. Por fim, através das fontes de vigilância da empresa mineradora, de cartas, de abaixo-assinados e por periódicos comunistas, abordo a notável importância dela para a agitação política na região, por meio do núcleo municipal do PCB.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

A enfermeira de Butiá em greve

No dia 18 de fevereiro de 1946, a prefeitura de Porto Alegre racionou o consumo de energia elétrica, necessitando “paralisar transportes públicos, indústrias, escolas, abastecimento de água, além do consumo elétrico das residências” (MANDELLI, 2023, p. 107). Somente atividades essenciais foram autorizadas a utilizar energia. O motivo era a falta de carvão mineral para o funcionamento da termelétrica localizada na Volta do Gasômetro, ao lado da Casa de Correção. Estava ali, visível, um impacto inédito da greve promovida pelos mineiros de São Jerônimo em janeiro daquele ano, que durou 36 dias e paralisou quase completamente a mineração de carvão no estado.

O contexto nacional e internacional estava efervescente. Além do fim da guerra, no Brasil, após 15 anos de governos discricionários, Getúlio Vargas havia sido destituído às vésperas da primeira eleição presidencial direta depois de 1930,⁴ vencida por seu ex-ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra. As eleições ocorriam num contexto de legalização e fortalecimento do Partido Comunista, tendo como marco a grande votação obtida por Yedo Fiúza, candidato à presidência pelo PCB, com 10% dos votos (NEGRO; SILVA, 2022, p. 52).

Em 31 de janeiro de 1946, dia da posse do novo chefe do Executivo, os trabalhadores da mineração do Rio Grande do Sul cruzaram os braços,

⁴ As eleições de dezembro de 1945 foi o primeiro processo eleitoral democrático e com participação das massas na história da República brasileira (NEGRO; SILVA, 2022, pp. 61-62).

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

demarcando o início de um período conturbado e de muitos enfrentamentos entre a classe trabalhadora, o Consórcio Minerador e o novo governo. Os trabalhadores requeriam “um aumento de 40% do salário e melhores condições de trabalho” (MANDELLI, 2023, p. 106), e atrelado a isso, estavam as condições de sobrevivência nas vilas operárias.

A vida nas minas era muito difícil. A crescente demanda pelo carvão no período da guerra fomentou um aumento vertiginoso da exploração dos trabalhadores. Vistos como “soldados de produção” (SPERANZA, 2024, p. 172), tiveram os direitos conquistados na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) “suspensos até o fim da II Guerra Mundial” (MANDELLI, 2023, p. 100). Segundo Xavier (2020), “a mobilização, a partir de 1942, tornou o cotidiano da categoria, que já era degradante, ainda pior, pois houve o aumento da cobrança por maior produção, extraíndo deles o máximo de suas forças de trabalho” (p. 234). Junto a isso, a carestia da vida⁵ promovia uma sistemática falta de alimentos e meios adequados de sobrevivência para os operários das minas e para suas famílias, tendo em vista que “os salários dos mineiros eram baixos” e “o trabalho braçal exigia uma alimentação rica em carboidratos e proteínas. Contudo, a situação desses trabalhadores não permitia que mantivessem uma alimentação balanceada” (XAVIER, 2020, p. 231).

Neste contexto, em 1945, Maria Siani Festa, enfermeira-parteira da Caixa de Pensões e Aposentadorias da Mineração, viajou até a cidade de

⁵ “Carestia de vida” se refere ao aumento significativo do custo de vida, delimitada pela subida dos preços de itens essenciais para a sobrevivência como, por exemplo, alimentos.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. As Caixas de Pensões e Aposentadorias, implementadas pela Lei Eloy Chaves de 1923, visavam garantir seguridade previdenciária e social aos operários. Com a contribuição deles, mas sob vigilância do Consórcio Minerador, era garantido ao trabalhador os seus serviços de saúde, sobretudo pelos frequentes acidentes de trabalho e das consequências respiratórias pelo ofício da mineração. Era nessa instituição que Maria Festa dedicou seu trabalho de enfermeira-parteira entre 1939 e 1946. Naquela localidade, foi entrevistada pelo jornal *Voz do Povo*, administrado pelo Sindicato dos Médicos da região e ligado ao PCB. Na entrevista, a enfermeira denunciou as condições degradantes que viviam as famílias que atendia nas minas.

No fim do seu relato, enfatizou:

“Essa é a realidade que foi constatada por mim que vivo no seio das massas de trabalhadores das Minas na qualidade que sou de enfermeira-parteira tendo assim ocasião de analisar intimamente os *problemas daqueles pobres lares e mergulhar no drama pungente das minas de Butiá*”. (VOZ DO POVO, 16/12/1946, p. 2, grifo meu)

Sua chegada às minas data de 1939. Conseguimos delimitar esta data mediante um processo-crime⁶ que ela promoveu contra um sargento do Exército, em 1938. No referido processo, Festa acusa o sargento de ter deflorado sua filha. O trâmite judicial inicia demarcando a sua moradia na cidade de Porto Alegre e finaliza, no ano de 1939, com a residência de Festa nas Minas de Butiá.

⁶ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Comarca de Porto Alegre. Vara de Jurisdição Criminal. 1º Cartório do Crime. Processo nº 4720. 1938.

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

Festa tinha um extenso currículo de trabalhadora na área de saúde. Antes de ir para as Minas, atuou em destacados espaços. Em São Paulo, foi enfermeira-chefe do Hospital Psiquiátrico Juqueri e enfermeira da Santa Casa de Santos. Já em Porto Alegre, atuou no Hospital Psiquiátrico São Pedro e no Posto de Psicopatas. Sua formação ocorreu na Escola de Enfermeiros de São Paulo, onde também realizou um curso de obstetrícia (A FEDERAÇÃO, 14/02/1934, p. 3). Com essa experiência, posicionava-se perante a realidade que constatava em cada um dos locais que atuou, congregando sua visão profissional com sua militância política. Neste ponto, ficava explícita sua orientação política ao se despedir dos camaradas de Caxias do Sul, “desejando uma luta sempre triunfante pelo comunismo, vanguarda organizada do proletariado do povo” (VOZ DO POVO, 16/12/1946, p. 2).

Essa militância nos informa, possivelmente, o motivo pelo qual Maria Festa teria se deslocado até a região carbonífera gaúcha. Em um primeiro momento, podemos pensar que essa vinda tenha sido uma oportunidade profissional. Sabemos que houve “o envio de vários militantes destacados para realizarem o trabalho político nas minas de São Jerônimo” (MANDELLI, 2023, p. 122). Minha hipótese é que esses dois fatos se relacionam. Em 1938, Maria estava desempregada. Seu último trabalho teria sido no Posto de Psicopatas de Porto Alegre, local em que foi demitida em 1937, por ter sido presa em 12 de novembro do mesmo ano, dois dias após o golpe do Estado Novo, por “professar ideias comunistas” (CORREIO DA MANHÃ, 13/11/1937, p. 2). Visto a necessidade do PCB em

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

fortalecer o trabalho de base, ela teria sido enviada para trabalhar na Caixa e fomentar a articulação política do partido.

Sustento essa hipótese pela importância que o PCB estava conquistando naquela região com sua presença sistemática e consistente na década de 1940. Ainda em 1945, uma greve de menor duração do que a do ano seguinte eclodiu na região, sendo que “os louros desse movimento recaíram sobre os comunistas” (MANDELLI, 2023, p. 102), demarcando, portanto, a importância que este partido teria na região posteriormente. Quatro meses depois dessa greve, “em meados de agosto de 1945, foi instalada na cidade o Comitê Distrital de Butiá do PCB” (KONRAD, 2006, pp. 322–323).

Encontrei referência a esse comício em outra reportagem, no periódico *A Tribuna Popular*. O encontro teria contado com a presença de milhares de pessoas, e nele “falaram os srs. João Gomes Oliveira, José Emilian Oliveira, Gregorio Ripoll, Luiz Silveira, sras. Flora Almeida e *Maria Schmidt*” (TRIBUNA POPULAR, 17/08/1945, p. 1, grifo meu). Chama a atenção, evidentemente, a presença de duas mulheres nesse evento. Infelizmente não dispomos de mais fontes sobre Flora Almeida, mas podemos afirmar que Maria Schmidt é possivelmente Maria Festa, por um confronto sistemático de fontes.

A diferença no sobrenome pode ter ocorrido tendo em vista que naquele momento, Festa era companheira de Alfredo Schmidt, um funcionário da Estrada de Ferro Jacuí. Ambos chegaram às Minas

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

conjuntamente, inclusive, foram presos juntos em Porto Alegre, no ano de 1937. Em decorrência das formatações hierárquicas de gênero e a dominação patriarcal, possivelmente esse relacionamento de ambos fez com que se presumisse que o sobrenome de Maria fosse o de seu companheiro, mas ela cultivava seu sobrenome de casada, Festa.⁷

Posto isto, constata-se que no contexto anterior à greve de 1946, um fecundo espaço político de militância por meio do PCB foi articulado, tendo como uma das destacadas militantes a nossa personagem principal. Mas ela não estava sozinha. O Comitê de Butiá, no qual ela participou da fundação, era composto “quase que exclusivamente de mulheres, pois os homens fazem parte da célula local de trabalho” (TRIBUNA POPULAR, 17/08/1945, p. 1).

Esse fator, entretanto, não era algo totalmente inédito. No mesmo período ocorreu em todo o país o surgimento “de inúmeras associações e movimentos de mulheres comunistas” (NUNES, 2021, pp. 14–15). Portanto, houve nessa articulação a criação de um núcleo feminino comunista, demonstrando que as mulheres não se furtavam de estarem a par das discussões políticas e de lutar pela melhoria das condições de vida de suas famílias.

⁷ Maria só trocava seu sobrenome e assumiria, de vez, o Schmidt, em 1965, quando se casou, oficialmente, com Alfredo, após o falecimento de seu ex-marido, José Festa, em São Paulo. Arquivo Histórico Permanente do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Comarca de Porto Alegre. 2ª Vara de Família e Sucessões. Arrolamento de Bens de Maria Siani Schmidt. Acondicionador F9001998844189. Processo nº 685. 1982.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

A falta de acesso à água encanada é um exemplo dessas melhorias necessárias. Segundo Festa, viver nas minas era difícil, “uma vez que não tem água, como disse, quando as casas finas todas têm água encanada, com banheiro e todo o conforto” (VOZ DO POVO, 16/12/1945, p.2). “A administração da casa, o cuidado com os filhos, às compras, nas vendas e nos açougues, até a alfabetização dos mineiros, eram todos trabalhos realizados pelas mulheres” (MANDELLI, 2023, p. 75). Tudo isso sem água encanada. Além disso, as águas nos poços, que as mulheres e seus filhos iam captar para consumo e limpeza, foram consideradas “impróprias para o consumo” segundo exames bacteriológicos realizados em 1944 (FREITAS, 2021, p. 70).

Evidentemente esse problema da água e inúmeros outros como a indisponibilidade de carne, a falta de hospitais e escolas afetavam todos que ali viviam. Entretanto, o impacto era mais incisivo nas mulheres, exatamente porque a elas era reservado um trabalho reprodutivo, como “elemento fixador da mão de obra masculina” (SPERANZA, 2020, p. 122), tendo em vista que “por meio de uma ampla exploração do trabalho doméstico não pago, tornava-se possível a exploração dos homens no subsolo das minas de carvão” (MANDELLI, 2023, p. 78).

Apesar de elas não trabalharem no ofício mineiro,⁸ estavam lidando com consequências diretas do contexto de exploração masculina no

⁸ No Rio Grande do Sul não foi verificado, até agora, nenhum indício de mão de obra feminina na mineração de carvão na década de 1940. Entretanto, no estado de Santa Catarina, na região de Criciúma, mulheres trabalhavam em funções na superfície, sobretudo na função de escolhedeiras. (MANDELLI, 2023, p. 73)

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

subsolo. Como posto, as dificuldades cotidianas de acesso a itens básicos, levando a doenças e a fome, forjam nas identidades subjetivas desse grupo uma posição de enfrentamento à realidade dada. Nessa toada, é preciso considerar que “o indivíduo e o espaço social evoluem e se modificam mutuamente, um sendo parte do outro” (GRIBAUDI, 2021, pp. 161-162). Assim, o meio em que elas se encontravam as levou a articularem, junto a seus colegas partidários, uma consciência coletiva de classe, construída no compartilhamento das experiências de dominação e resistência comuns aos diferentes grupos ali existentes (THOMPSON, 2001, p. 274).

Se, entre os mineiros, na referida greve de 1946, o Movimento Unificador de Trabalhadores (MUT), braço sindical do PCB, assumiu um protagonismo na movimentação (SPERANZA, 2014, p. 164), entre as mulheres, esse papel pode ter sido encabeçado por Maria Festa. Mesmo verificando que as mulheres eram dependentes economicamente dos homens, nota-se pelas fontes documentais, e sobretudo, pela trajetória de Maria Festa, que em momentos de enfrentamentos políticos elas não se eximiram de assumir posições nas paralisações.

Como posto, a ação do MUT nesta greve foi vital, tendo como um dos líderes da paralisação, Anaurelino Dornelles, “vice-coordenador do Movimento no estado” (SPERANZA, 2014, p. 164). Este dirigente, em um depoimento ao DOPS, afirmou acerca de Maria Festa “que a mesma goza de prestígio no seio da classe mineira, sendo uma verdadeira líder dado o

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

seu lado humanitário e a incansável presteza com que atende a chamados dos que necessitam de seus trabalhos”.⁹

De fato, as fontes indicam uma presença consistente de Festa nas articulações políticas do movimento grevista de 1946, sobretudo por suas ações entre as mulheres comunistas. Isto pode ser verificado mediante escritos produzidos por elas, evidenciando quais caminhos foram seguidos por esse grupo nos conflitos da greve.

Chegamos, então, em um ponto crucial. Não podemos escrever uma história das mulheres comunistas das minas de carvão gaúchas sem, obviamente, citar a presença masculina. As relações de gênero, em sua “forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86) está imbricada neste contexto. Mas como visto, existem situações em que a normativa masculinizada é posta à prova, como a presença de uma enfermeira-parteira comunista que promove denúncias sobre as condições de trabalho dos homens na mineração. Na greve em questão, as hierarquias de gênero são extremamente perceptíveis. Mas podemos tensionar esta problemática, considerando que naquele momento “as mulheres também participavam dos espaços políticos quando sentiam sua dignidade ou de suas famílias ameaçadas” (MANDELLI, 2023, p. 78).

Portanto, temos a noção de que nesta localidade, em um arrefecimento das relações políticas nas vilas operárias, a participação

⁹ Cópia de termos de declarações prestado ao D.O.P.S, 27 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

feminina “não ficava circunscrita à esfera doméstica, mas era parte integrante da luta da comunidade por melhores condições de salários e de trabalho” (MANDELLI, 2023, p. 78). Esse alargamento de seu campo de ação pode ser explicado pelo local onde elas viviam, já que “o próprio sistema fábrica-vila, ao integrar a família na esfera de dominação patronal, atraía mulheres e crianças para o âmbito do conflito direto inerente às relações de produção capitalistas” (SPERANZA, 2014, p. 200).

Quando dizemos conflito, dizemos na sua forma literal, inclusive relacionado a violência física. Ao ler processos trabalhistas do já relatado movimento grevista de 1946, emergem relatos afirmando que “elas ganharam as ruas de maneira coletiva para afrontar homens não grevistas. Existem referências a grupos de mulheres “cujo trabalho era o de atirar pimenta e sal no rosto dos que cercavam”, especialmente na fase final da greve” (SPERANZA, 2014, p. 198). Ainda surgem histórias que “mencionam inclusive o uso de pedras e porretes pelos grupos femininos, que atuavam em conjunto com bandos masculinos, na tentativa de dissuadir os não-grevistas” (SPERANZA, 2020, p. 129).

As cartas das mulheres comunistas e o elemento perigoso

No dia 3 de março de 1946, uma carta endereçada ao interventor militar nas minas, Capitão Ebenezer Cabral, foi enviada pela autodenominada Comissão da Mulher Mineira, de Butiá. Nela, esse grupo de mulheres, que muito provavelmente era participante do núcleo comunista da vila, questionava o interventor sobre as dificuldades das

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

negociações e o descumprimento de acordos firmados pelo governo com os articuladores da greve. Chama a atenção que elas se colocavam como porta-vozes do movimento grevista e pressionavam o interventor. Acerca da greve, afirmaram:

hoje, vendo todos esses esforços ameaçados por maus elementos, tentando o “FURO”, o qual não se dará, pois que a luta doravante, será desencadeada pelas DONAS de casa, a mulher do mineiro já cansadas de tanto passar misérias e privações de toda a espécie e ver seus esposos e pais escravizados, pelos Srs. poderosos do C.A.D.E.M.¹⁰

A relação com os relatos de espancamentos de trabalhadores que queriam voltar a trabalhar é nítida. A carta é de 3 de março, e no dia seguinte, por exemplo, “um não grevista de 35 anos admitiu ter sido perseguido por um grupo de mulheres “que andavam atacando os operários que estavam trabalhando”. O fato teria ocorrido no dia 4 de março, quando voltava do serviço” (SPERANZA, 2014, p. 198).

Na mesma carta, as mulheres se colocavam, de vez, enquanto sujeitas na movimentação e resistência grevistas:

Nós mulheres, esteio do lar, estamos dispostas a entrar na luta pelas reivindicações dos operários, perderemos o amor a tudo, estamos dispostas a sermos varridas pela metralha das forças armadas, mas não nós deixaremos sucumbir pela miséria ou pela fome que nos é imposta.¹¹

¹⁰ Carta da Comissão da Mulher Mineira de Butiá ao Interventor Militar Capitão Ezebener Cabral de Mello, 3 mar. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

¹¹ Carta da Comissão da Mulher Mineira de Butiá ao Interventor Militar Capitão Ezebener Cabral de Mello, 3 mar. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

Sua consciência do papel da mulher na sociedade, enquanto “esteio do lar”, não as impedia de firmarem posições, pois estavam conscientes que as condições de trabalho e vida do local onde moravam as afetavam tal qual seus maridos e filhos. Por fim, colocavam uma série de reivindicações ao interventor militar, comprometendo-se que se elas fossem atendidas na “quinta-feira, dia 6, a descida em massa de todos os mineiros” ao espaço de trabalho.¹² Estranhamente, ou não, no dia 8 de março o jornal *Correio do Povo* noticiou o fim da greve nas minas de São Jerônimo. Não podemos deixar de lado toda a pressão e articulação promovidas pelos trabalhadores. Orientados e motivados pelo MUT, mantiveram-se paralisados em prol do movimento. Entretanto, é inegável que as informações colhidas por esta carta direcionam nossa percepção de que esse grupo feminino pode ter auxiliado no pesar da balança.

Findada a greve, iniciou-se um período de perseguições. Pelo protagonismo assumido na greve, sobretudo através do MUT, muitos operários acabaram sendo apontados como comunistas pelo Cadem e foram os “principais alvos de represálias” (SPERANZA, 2014, p. 195). Pode-se pensar que estas represálias poderiam recair, também, sobre as mulheres comunistas. Porém, ao que podemos saber, ocorreu com apenas uma delas. Maria Siani Festa foi demitida da Caixa de Pensões e Aposentadorias em abril de 1946, logo após o fim da greve. A motivação apontada pela Caixa foi que ela teria realizado um aborto em uma paciente, sendo esse

¹² Carta da Comissão da Mulher Mineira de Butiá ao Interventor Militar Capitão Ezebener Cabral de Mello, 3 mar. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

um procedimento exclusivamente médico. Maria confessou ter realizado o procedimento, mas se defendeu ao afirmar que “por determinações de médicos”¹³ realizou outros procedimentos semelhantes. Contudo, sua defesa não foi capaz de reverter a sua demissão.

Já afirmamos aqui que a Caixa era uma instituição que sofria forte influência do Consórcio Minerador e logo após a greve os comunistas passaram a ser vigiados com maior recorrência. Isso pode ser constatado por um relatório elaborado pela mineradora intitulado “Elementos estranhos à CCMB que se destacaram nas greves de 3/1/46 e 30/1/46 nas minas de Butiá”, localizado no Arquivo do Museu Estadual do Carvão. Nele, uma série de nomes apontados como comunistas são elencados. A lista não está em ordem alfabética e tem como primeiro nome citado o da única mulher da lista: Maria Siani Festa.

Ela é caracterizada pela empresa da seguinte forma:

Maria Siani Festa = Enfermeira da CAP. de Mineração. Comunista confessa há mais de 10 anos. Instigadora de todo o movimento comunista em Butiá. Animadora das greves que tem ocorrido na Mina em 1945 e 1946. Contribuiu com dinheiro para manter os operários em greve. É um dos elementos mais perigosos de Butiá.¹⁴

Dessas informações podemos tirar dois pontos. O primeiro é que Festa ser citada como a primeira da lista registra a sua importância

¹³ Portaria 14/49, 30 abr. 1946. Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Mineiros, Porto Alegre. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.02.

¹⁴ Elementos estranhos à CCMB que se destacaram nas greves de 3/1/46 e 30/1/46 nas minas de Butiá, 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

fundamental dentro da comunidade mineradora, tanto entre homens quanto entre as mulheres. Em segundo plano, a periculosidade apontada pela empresa revela a sua marcante militância em prol das lutas, questionando nominalmente a mineradora.

Inclusive, a presença de Festa nos meios políticos do PCB pode ser constatada, por uma carta enviada por dois importantes articuladores do MUT na greve, Luiz Dorvalino Feijó e Anaurelino Dornelles. Na carta, Feijó, que está em Porto Alegre, envia o escrito a seu camarada Dornelles que está na Mina de Ratos, em 25 de maio de 1946. Em determinado momento diz: “Dona Maria viaja hoje para aí”,¹⁵ sem citar nenhum sobrenome, ou seja, poderia ser qualquer Maria. Entretanto, a carta foi interceptada pela Delegacia de Ordem Política e Social, que no interrogatório dos militantes questionou, nominalmente: “Porque comunica num tópico da carta de que Maria Siani Festa voltará para as Minas?”.¹⁶ Isso nos sinaliza que ela estava sendo vigiada, tanto pelo aparato repressivo policial quanto pelo consórcio. Pois, este interrogatório foi encaminhado pelo Diretor do DOPS, Theobaldo Neumann, por solicitação do Cadem.

Portanto, estes fatos nos auxiliam a embasar a suposição que a demissão de Maria Festa de seu posto da Caixa foi uma retaliação a sua militância destacada na greve de 1946.

¹⁵ Carta de Luiz Dorvalino Feijó a Anaurelino Baptista Dornelles, 25 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

¹⁶ Cópia de termos de declarações prestado ao D.O.P.S, 27 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

Não sabemos o impacto real que a carta das mulheres ao interventor teve no rumo final da greve. Contudo, suponho que foi significativo, pois esse grupo de mulheres utilizou, posteriormente, a estratégia escrita mais uma vez. Com os cortes de medidas assistencialistas pelo Cadem em retaliação à greve, o grupo de mulheres de Butiá enviou um abaixo-assinado a ninguém menos que o Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, em 9 de maio de 1946. Elas estavam “pedindo providências contra a expulsão de trabalhadores da vila, e reclamando em relação à falta de água encanada, dificuldade de obter alimentos, problemas no atendimento médico e outros” (MANDELLI, 2023, p. 107). Além disso, as autodenominadas “mães, esposas, noivas, irmãs e filhas de mineiros do Butiá”,¹⁷ pediam a intervenção do presidente da República contra a demissão da “Dona Maria Festa, grande amiga da família”, feita pela Caixa de Pensões e aposentadorias “através de sua direção reacionária”. Segundo elas, Maria Festa “apesar de sua idade já avançada, anda todos os dias, quase todas as noites, atendendo um ou outro infeliz enfermo”.

A formulação desse abaixo-assinado é intrigante, pois ao longo de suas linhas envia ao Presidente reclamações relacionadas a questões cotidianas como a falta de acesso à água, à carne, às escolas e hospitais. A similitude com a denúncia de Maria Festa, em dezembro do ano anterior, é

¹⁷ Abaixo-assinado das parentes femininas dos mineiros de Butiá ao Presidente da República, 9 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

gritante. Comparando dois trechos entre a carta e a denúncia, podemos perceber essa semelhança. Na sua entrevista, Festa afirma que:

A mulher do mineiro levanta-se às 3 horas da madrugada para ir buscar a água com que fazer o café para o marido, algumas delas, a 3 até 4 léguas de distância, percurso que cobrem a pé, conduzindo um carrinho de mão que transporta 2 latas tipo carbureto ou querosene. (VOZ DO POVO, 16/12/1945, p. 2)

Ao passo que as mulheres de Butiá, em seu abaixo-assinado, escrevem:

Aqui a doença campeia em grande parte pela falta de alimentação e melhor assistência médico-hospitalar, mas muito mais ainda pela falta de água. É preciso caminhar-se não quadras, mas quilômetros para trazer-se água para beber e fazermos a comida para nossos familiares.¹⁸

Além disso, tal qual as mulheres de Butiá, Festa alcunha o diretor da Caixa de “mentalidade reacionária” (VOZ DO POVO, 16/12/1945, p. 2). Ao mesmo tempo, na denúncia, a enfermeira alfineta os operários já que “estes não compreendendo que são a chave da economia, não sabem sequer fazer as suas reivindicações” (VOZ DO POVO, 16/12/1945, p. 2), ao passo que as mulheres de Butiá denotam que os “trabalhadores ainda não conseguiram o direito de dirigir suas instituições”.¹⁹

¹⁸ Abaixo-assinado das parentes femininas dos mineiros de Butiá ao Presidente da República, 9 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

¹⁹ Abaixo-assinado das parentes femininas dos mineiros de Butiá ao Presidente da República, 9 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

Por fim, algo em comum tanto na carta ao interventor, na denúncia de Festa e no abaixo-assinado das mulheres ao Presidente Dutra é a classificação dos ganhos dos operários como um “salário-fome”.

Portanto, diante dessas evidências e aproximações, considerando o grau de analfabetismo conhecido naquela quadra do século XX, a fluência política de Festa e seu trânsito nos meios comunistas, podemos afirmar que Maria Siani Festa influenciou, quiçá elaborou, estes escritos que são extremamente importantes para a percepção da presença feminina nas articulações políticas daquele período.

Ainda em relação a este último abaixo-assinado, as saudações iniciais chamam atenção: “Saudações antifascistas”. Essa posição “pode indicar um envolvimento político com o PCB” (MANDELLI, 2023, p. 108). Naquele período, o Partidão tinha como programa apoiar reformas realizadas pelo Estado e levantavam uma bandeira contra o nazifascismo. Portanto, a posição contra o fascismo era uma bandeira de luta dos militantes à época, e as mulheres de Butiá não ficaram de fora. Não existem, até o momento, evidências que nos indiquem a chegada desse abaixo-assinado nas mãos do Presidente Dutra, mas sim que chegaram à capital federal, o Rio de Janeiro.²⁰

Somente 16 dias após o envio da carta, o jornal carioca *Tribuna Popular* publicou uma extensa matéria acerca das condições de vida dos

²⁰ Como será apresentado, o abaixo-assinado foi tema de uma reportagem produzida em um periódico comunista do Rio de Janeiro chamado *A Tribuna Popular*.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

mineiros e suas famílias após a greve, com base no abaixo-assinado. O periódico era ligado ao PCB carioca, outro indicativo forte da ligação da carta com o partido. Além disso, o título da matéria, “No campo de concentração dos mineiros de Butiá”, é sugestivo e dialoga com as saudações antifascistas das mulheres da comunidade mineradora.

Igualmente às mulheres, a matéria denuncia o destelhamento das casas de mineiros participantes da greve, bem como a falta de água, alimentos, educação e saúde. Todavia, em uma das seções da reportagem, vem à tona um escrito interessantíssimo acerca de “Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros” (TRIBUNA POPULAR, 25/05/1946, p. 15). Conforme se escrevia no jornal, “os anos já lhe pesavam bastante. Envelhecera”. Maria tinha 54 anos.²¹ No entanto, os mineiros ainda a consideravam, além de “velhinha tão boa”, “nossa melhor amiga, a defensora da família mineira” (TRIBUNA POPULAR, 25/05/1946, p. 15).

Vemos aqui um contraponto entre fontes: “velhinha tão boa” *versus* “elemento mais perigoso”. O que fica evidente no final da reportagem:

No coração de dona Maria Siani Festa florescia a grande paixão pela liberdade. Cidadã brasileira, altamente democrata e patriota, vibrava em uníssono com as grandes causas do proletariado e do povo. Odiavam-na, por isto, os sangue-sugas do CADEM. E fizeram

²¹ Maria faleceu em 1978, aos 86 anos, na cidade de Porto Alegre. Arquivo Histórico Permanente do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Comarca de Porto Alegre. 2ª Vara de Família e Sucessões. Arrolamento de Bens de Maria Siani Schmidt. Acondicionador F9001998844189. Processo nº 685. 1982. Sobre a percepção de sua velhice, podemos pensar acerca da expectativa de vida que a comunidade mineira tinha naquele período, segundo Freitas (2021), em 1943, a mortalidade na faixa etária entre 51 e 55 anos era destacável, perdendo somente para a mortalidade infantil (p. 83).

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

com que ela fosse demitida, sem aviso prévio, sem indenização nem processo. (TRIBUNA POPULAR, 25/05/1946, p. 15)

A sua militância e atuação enquanto enfermeira, portanto, a colocaram como uma pessoa de prestígio em meio àquela comunidade. O que nos auxilia a explicar que apesar da sua demissão, das perseguições e vigilâncias, a “velhinha perigosa” ficou nas minas. Maria Siani Festa só saiu das Minas de Butiá em 1951,²² após ter sido processada pelo Cadem por morar em uma casa da companhia e não trabalhar nos serviços de mineração.

Considerações finais

Observamos que Maria Festa, enfermeira-parteira considerada “perigosa”, teve uma destacada atuação no seio dessas famílias embrenhada na mineração de carvão. A greve de 1946, portanto, ganha uma nova personagem. Através da sua trajetória, pode-se verificar seu protagonismo e o investimento do PCB em sua figura, visto as reportagens jornalísticas e seu possível trânsito regional. Contribuindo com a historiografia social do trabalho, o presente artigo objetivou analisar como as mulheres superaram a esfera doméstica e, em uma perspectiva de classe, requeriram melhores condições de trabalho aos operários. Entretanto, não deixaram de reivindicar questões referentes ao seu próprio cotidiano de vida. Neste processo político, buscamos destacar a liderança de Maria Festa.

²² Arquivo Histórico Permanente do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Comarca de São Jerônimo. Escrivania do cível e crime. Acondicionador F900199765854. Processo nº 579. 1950.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

Sua articulação e posicionamento contra as imposições exploratórias do Cadem, mediante entrevistas, ou indiretamente, via as cartas ao interventor e ao Presidente da República, demonstram esta liderança. Além disso, seu prestígio em meio a esta comunidade é notável por meio das fontes. Tal prestígio pode ser atribuído a sua militância e a influência política dentro do PCB, e pela sua dedicação aos cuidados de saúde da família mineira.

A excepcionalidade de sua história é vista aqui pela disponibilidade de fontes que citam seu nome, mas, ao mesmo tempo, esses documentos alargam nossa noção sobre outras mulheres que estavam dispostas a tudo pela melhoria das condições de vida. Carlo Ginzburg, em seu trabalho magistral em *O queijo e os vermes*, alerta que “sabemos muita coisa sobre [o moleiro] Menocchio. De Marcato ou Marco — e de tantos outros como ele, que viveram e morreram sem deixar rastro — nada sabemos” (GINZBURG, 2006, p 192).

Desta forma, o esboço nesse artigo de uma biografia de Maria Siani Festa traz ao presente um conjunto de mulheres invisibilizadas, que agiram, juntamente com ela, em um contexto amplamente masculino. Sabemos muito sobre Festa, sobre as mulheres comunistas de Butiá, que viveram e morreram sem deixar rastros – muito pouco sabemos.

A “notória baixa produção de biografias de mulheres comunistas brasileiras” (NUNES, 2021, p. 19) justifica a presente pesquisa, que ainda tem muitos caminhos a seguir. A biografia nos parece “o desenvolvimento de

***“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940***

Lucas Specht

um ser orgânico totalmente imerso no espaço social e determinado pelas relações ali presentes” (GRIBAUDI, 2021, p 193). Tendo este espaço e essas relações em mente, surgem inúmeras possibilidades de análises que corroboram com a imersão de Festa nesta sociedade. Seja a discussão dos direitos abortivos de mulheres na região carbonífera e sua ligação com o PCB, seja o confronto das propagandas assistencialistas da empresa mineradora, ou quem sabe, a sua formação política anterior a viagem às minas, potentes caminhos de microanálise frente a disponibilidades de fontes dessa personagem, que aos nossos olhos do presente, é, de muitos modos, excepcional. Assim sendo, escrever a história de Maria Siani Festa pode contribuir para que o seu nome continue sendo uma festa aos oprimidos, e sua trajetória, um exemplo de periculosidade aos opressores.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

Fontes

Arquivo Histórico da Mineração do Museu Estadual do Carvão

Abaixo-assinado das parentes femininas dos mineiros de Butiá ao Presidente da República, 9 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

Carta da Comissão da Mulher Mineira de Butiá ao Interventor Militar Capitão Ezebener Cabral de Mello, 3 mar. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

Carta de Luiz Dorvalino Feijó a Anaurelino Baptista Dornelles, 25 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

Cópia de termos de declarações prestado ao D.O.P.S, 27 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

Elementos estranhos à CCMB que se destacaram nas greves de 3/1/46 e 30/1/46 nas minas de Butiá, 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

Portaria 14/49, 30 abr. 1946. Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Mineiros, Porto Alegre. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.02.

Arquivo Histórico Permanente do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul

Arquivo Histórico Permanente do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Comarca de Porto Alegre. 2ª Vara de Família e Sucessões. Arrolamento de Bens de Maria Siani Schmidt. Acondicionador F9001998844189. Processo nº 685. 1982.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

Arquivo Histórico Permanente do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Comarca de São Jerônimo. Escrivania do cível e crime. Acondicionador F900199765854. Processo nº 579. 1950.

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Comarca de Porto Alegre. Vara de Jurisdição Criminal. 1º Cartório do Crime. Processo nº 4720. 1938

Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional

COMITÊ distrital do PCB em São Jerônimo. A Tribuna Popular, Rio de Janeiro, p. 1, 17 ago. 1945. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154547&pagfis=651>. Acesso em: 20 fev. 2025.

COMO TRABALHAM os mineiros em Butiá. Voz do Povo, Caxias do Sul, p. 2, 16 dez. 1945. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882739&pagfis=6>. Acesso em: 27 fev. 2025.

COMUNISTAS presos em Porto Alegre. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 2, 13 novembro 1937. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Maria%20Siani%20Festa%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=43476. Acesso em: 20 jan. 2025.

NO CAMPO de concentração dos mineiros do Butiá!. Tribuna Popular, Rio de Janeiro, p. 15-16, 25 maio 1946. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154547&pagfis=2537>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SERVIÇO de enfermeira e massagista. A Federação, Porto Alegre, p. 3, 14 fevereiro 1934. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pesq=%22Casa%20de%20Corre%C3%A7%C3%A3o%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=74840>. Acesso em: 03 mar. 2024.

Referências bibliográficas

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

ALVES, Iracélli da Cruz. “Mulheres, PCB e feminismos: disputas e tensões (1930-1937)”. Revista Esboços, Florianópolis, v. 25, n. 40, p. 435-452, dez. 2018.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. Uma história social do feminismo: diálogos de um campo político brasileiro (1917-1937). Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 31, n. 63, 2018, p. 7-26.

FREITAS, Tassiane Mélo de. Das minas de carvão para os clubes de futebol e sociedades recreativas: experiência de classe entre o operariado da indústria carbonífera do Rio Grande do Sul (1930-1950). Tese (Doutorado em História) - PPGH-UFSM, RS, Santa Maria, 2021.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRIBAUDI, Maurizio. Percursos individuais e evolução histórica: quatro trajetórias operárias na França do século XIX. *In*: CARNEIRO, Deivy; VENDRAME, Maíra Ines (org.). Espaços, escalas e práticas sociais na micro-história italiana. Rio de Janeiro: FGV, 2021. cap. 7, p. 160-197.

KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. Os trabalhadores e o Estado Novo no Rio Grande do Sul: um retrato da sociedade e do mundo do trabalho (1937-1945). 2006. Tese (Doutorado em História) - IFCH-Unicamp, Campinas, 2006.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. cap. 12, p. 167-182.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. *In*: REVEL, Jacques. Jogos de escalar: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-251.

MANDELLI, Bruno. Greves, repressão e resistência: uma história comparada dos mineiros de carvão no sul do Brasil (1945-1964). 2023. Tese (Doutorado em História) - PPGH, UFRGS, Porto Alegre, 2023.

MATOSO, Caroline Duarte. "NOSSOS CORPOS FORAM BOAS RAÍZES NA FECUNDA TERRA DA LUTA": a agência das mulheres operárias e o PCB (Rio Grande, 1950-1954). 2024. Tese (Doutorado em História) - PPGH-UFRGS, Porto Alegre, 2024.

NEGRO, Antonio Luigi. & SILVA, Fernando Teixeira da. “Trabalhadores, sindicatos e política”. *In*: FERREIRA, J. & DELGADO, L. A. N. (orgs.). O Brasil Republicano vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

NUNES, Guilherme Machado. Mulheres comunistas no Brasil: Elisa Kauffmann Abramovich, Julieta Battistioli e Júlia Santiago da Conceição (1935-1965). 2021. Tese (Doutorado em História) - PPGH-UFRGS, Porto Alegre, 2021.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. *In*: REVEL, Jacques (org.). Jogos de escala: a experiência da microanálise. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. cap. 1, p. 15-39.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. cap. 10, p. 187-205.

_____, Benito Bisso. Os múltiplos desafios da biografia ao/à historiador/a. *Diálogos*, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 44-49, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

**“Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros”:
trajetória de uma enfermeira-parteira comunista no
seio da comunidade da região carbonífera gaúcha
nos anos 1940**

Lucas Specht

SPERANZA, Clarice Gontarski. Cavando direitos: as leis trabalhistas e os conflitos entre os mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954). São Leopoldo: Oikos, 2014. 295 p.

_____, Clarice Gontarski. Gênero e classe numa comunidade de mineração de carvão do Brasil em meados do século XX. Revista Latinoamericana de Trabajo y Trabajadores, [s. l.], n. 1, p. 113-136, 2020.

THOMPSON, Edward P. Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”. In: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Organizadores: Antonio Lugi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, 269-281.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. Cadernos Pagu, Campinas, n. 3, p. 28-62, 1994.

WILLIAMS, Cody A. "To sacrifice the vital rhythms of their being": Impairment, resistance, and industrial crises in São Jerônimo, Rio Grande do Sul, 1944-1964. 2019. 50 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Departamento de História, Universidade de Oklahoma, Norman, Oklahoma, 2019.

XAVIER, Tamires Soares. Nas trincheiras da sobrevivência: a Segunda Guerra Mundial e suas implicações para os trabalhadores no Rio Grande do Sul. 2020. Tese (Doutorado em História) – PPGH-UFSM, RS, Santa Maria, 2020.